

Agrônomo

JORNAL DO ENGENHEIRO

ANO 44, Setembro/Octubro de 2016, nº291



Reconhecimento

AEASP define quem serão os homenageados da Deusa Ceres 2016

Entrevista

Expoente do melhoramento em cana-de-açúcar, Sizio Matsuoka aposta na bioenergia

Matéria de Capa

Unidade Política

6



Pesquisa

11

Geração de
Parcerias

Destaque

14

Deusa Ceres

Notícias agro **3**

Artigo | *Fernando Penteadó Cardoso* **4**

Artigo | *Túlio Teixeira de Oliveira* **5**

Entrevista | *Sizuo Matsuoka* **12**

Perfil | *Agrônomo multitalentos* **18**

Artigo | *Rodolfo Geiser* **19**

Concretizando mais uma vez o objetivo de estar presente no interior paulista, a AEASP realizou o XII Congresso Paulista de Agronomia (CPA) em Itapetininga. Essa cidade foi escolhida por pertencer a uma importantíssima região produtora de alimentos, fibras e energia e por contar com a presença atuante do colega José Antonio Piedade, agora responsável pela Delegacia Regional da AEASP ali instalada.



A profissão de engenheiro agrônomo já foi reconhecida e considerada como uma das mais importantes nas comunidades, em passado não muito remoto. Hoje, com o crescimento espantoso das cidades e o advento de outras profissões oriundas da grade curricular da engenharia agrônômica, a sociedade urbana parece desconhecer ou não valorizar devidamente nossa profissão.

No intuito de resgatar a importância da atuação da nossa categoria, o CPA discutiu o tema "A inserção do engenheiro agrônomo no atual contexto político/econômico nacional", visando à defesa e ao fortalecimento da engenharia agrônômica junto à sociedade.

A participação de importantes autoridades, palestrantes e debatedores foi o ponto alto do nosso congresso, relatado na matéria de capa desta edição.

A nossa associação tem como missão valorizar o profissional que representa e está fortemente motivada em exercer esse papel. O JEA é um dos veículos disponíveis para abordar assuntos e destacar colegas que, com suas atuações, contribuem e marcam presença na engenharia agrônômica brasileira.

Boa leitura,

Angelo Petto Neto
Presidente da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo

Mudanças no IEA

O engenheiro agrônomo Celso Vegro foi escolhido para assumir o cargo de diretor técnico do Instituto de Economia Agrícola (IEA). Vegro é formado pela Esalq-USP com especialização em sistemas agrários pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Concluiu mestrado em desenvolvimento, agricultura e sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1992). Atua como pesquisador científico nível VI do IEA e é também membro do Conselho Fiscal da AEASP.

Dentre as diversas áreas de estudo do IEA, concentram-se as de trabalhos em temas ligados à coordenação de cadeias agroindustriais, inovação tecnológica e tendências do mercado de alimentos e bebidas.



foto: divulgação

Segurança alimentar

O Instituto Biológico (IB-APTA) firmou convênio com a Centrais de Abastecimento de Campinas (Ceara Campinas) para verificar a existência de resíduos de defensivos agrícolas nos produtos de hortifrúti comercializados pela empresa.

O objetivo é promover a qualidade dos produtos comercializados e a segurança alimentar dos consumidores. O entreposto é o quarto maior do Brasil e o segundo maior do Estado de São Paulo.

Lenda viva



foto: Comunicação-Confea

O Sistema Confea/Crea prestou uma homenagem ao engenheiro agrônomo Fernando Penteadado Cardoso, que completou, no dia 19 de setembro, 102 anos de vida e 80 anos dedicados ao estudo e à pesquisa para a produção de alimentos de forma sustentável.

As entidades ligadas ao sistema viabilizaram a produção de um vídeo no qual algumas personalidades falam sobre a trajetória do engenheiro agrônomo e ele é entrevistado por um grupo de jovens, futuros engenheiros agrônomos. Com uma incrível lucidez, o decano da agronomia continua ávido por adquirir e transmitir conhecimento. No vídeo, Cardoso fala com entusiasmo sobre as ciências agrárias e motiva os jovens a estudarem e se dedicarem à agricultura brasileira.

Acesse e assista:

<https://www.youtube.com/watch?v=P2Pf8fjOURg>

AGENDA

I Encontro Regional de Pecuária Leiteira

Data: 21 de outubro de 2016.

Local: Polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB) – Av. Dr. Cyro de Albuquerque, 4.750 – Itapetininga (SP).
Informações: (15) 3271-0804.

11º Congresso da Bioenergia

Data: Dias 9 e 10 de novembro de 2016.

Local: Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSalesiano
Endereço: Rod. Senador Teotônio Vilela, 3.821, km 8,5 – Araçatuba/SP.

Realização: UDOP – União dos Produtores de Bioenergia.

O congresso é referência no assunto. A troca de experiências entre os participantes traz aos congressistas novos conceitos de gestão, tecnologias e sistemas de produção altamente aplicáveis ao dia a dia das usinas e de empresas que prestam serviços para o segmento.

Mais informações:

Telefone: +55 (18) 2103-0528.

Site: <http://www.udop.com.br/index.php?item=congresso>.

4º Seminário Paulista de Extensão Rural

A APAER realizará o 4º Seminário Paulista de Extensão Rural nos dias 25 e 26 de outubro de 2016, em Campinas (SP). A temática do seminário terá como base os desafios dos serviços de ATER em relação às presentes crises institucionais, econômicas, políticas e metodológicas pelas quais o Brasil atravessa. Para mais informações: (19) 3743-3888, e-mail: contato@apaer.com.br

A Conquista do Cerrado

Um pouco de história

Por

Fernando Penteado Cardoso

Aposta em marcha de 10 milhões de hectares de terras agricultáveis antes inaproveitadas pode ser considerada um dos maiores feitos agrícolas deste século em nível mundial. É antes uma “conquista” do que um milagre, para a qual concorreram quatro fatores básicos principais:

1) o desenvolvimento da tecnologia agrícola, decorrente da pesquisa consistente e abrangente do IRI IBEC Research Institute, Matão-(SP) (1956/65), financiada pelos irmãos Rockefeller e por algumas empresas do agríbuisness, prosseguindo os experimentos preliminares anteriores principalmente do Ministério da Agricultura, em Sete Lagoas (MG) (1949/52);

2) criação da variedade de soja “cristalina” pelo melhorador notável que é Francisco Torazawa em Palmeira (PR);

3) os programas de governo, financiando o investimento inicial em máquinas, corretivos e aberturas, implantados em grande escala nos anos 1970 e 1980, paralelos ao projeto japonês da JICA (Japan Intl. Coop. Agency), executado por meio da Campo Cia. de Promoção Agrícola.

5) o Projeto Morrinhos, idealizado e financiado pela Manah S.A., gerenciado pelo agrônomo Jphen Landars, com a finalidade de adaptar o Plantio Direto no Cerrado, já que apresentava resultados promissores no Estado de Rio Grande do Sul. Os experimentos instalados no fim da década de 1980 se localizaram em duas fazendas arrendadas na região de Morrinhos (GO).

6) a “garra” do agricultor gaúcho que, após migrações para Santa Catarina e Paraná, penetrou no cerrado do Mato Grosso do Sul e, subsequentemente, nos chapadões do Brasil Central, onde foi plantar arroz e soja, conciliando a mencionada tecnologia com seus conhecimentos de mecanização e do efeito do calcário nos solos pobres das coxilhas recuperadas para trigo.

A influência da Embrapa CPAC iniciou-se a partir da década de 1980, com estudos interdisciplinares de solo, nutrição vegetal e variedades, dentre elas a soja “Doko”. Todavia, as bases da “conquista” são anteriores à Embrapa, a qual, para nossa desilusão, não se engajou, como devia, salvo algumas exceções no Rio Grande do Sul, na pesquisa sobre a nova agricultura do cerrado baseada na mínima perturbação do solo recoberto por resíduos (Plantio Direto na Palha), assegurando sua sustentabilidade. É uma pena, mas ainda é tempo! 🙌



Divulgação

* **Fernando Penteado Cardoso é engenheiro agrônomo sênior, ESALQ-USP 1936, fundador e ex-presidente da Manah S.A e da Fundação Agrisus.**



Associação de
Engenheiros Agrônomos
do Estado de São Paulo
<http://www.aeasp.org.br>

Filiada a Confederação das Associações de
Engenheiros Agrônomos do Brasil

GESTÃO PARA O TRIÊNIO 2015 – 2018

Presidente Angelo Petto Neto

1º Vice-Presidente Henrique Mazotini

2º Vice-Presidente Arlei Arnaldo Madeira

1ª Secretária Ana Meire Coelho Figueiredo

2ª Secretária Taís Tostes Graziano

1º Tesoureiro Tulio Teixeira de Oliveira

2º Tesoureiro Luis Alberto Bourreau

Diretor Celso Roberto Panzani

Diretora Francisca Ramos de Queiroz

Diretor Glauco Eduardo Pereira Cortez

Diretor Luiz Henrique Carvalho

Diretor Luiz Ricardo Viegas de Carvalho

Diretor Nelson de Oliveira Matheus

CONSELHO DELIBERATIVO

Alexandre Vieira Abbud

Antonio Roque Dechen



Órgão de divulgação da Associação de Eng.
Agrônomos do Estado de São Paulo

Benedito Eurico das Neves Filho

Cristiano Walter Simon

Fernando Gallina

Guilherme Luiz Guimarães

João Sereno Lammel

José Eduardo Abramides Testa

Luís Roberto Graça Favoretto

Luiz Antonio Pinazza

Luiz Mário Machado Salvi

Marcos Fava Neves

Valdemar Antonio Demétrio

Victor Branco de Araújo

Zuleica Maria de Lisboa Perez

CONSELHO FISCAL

André Luís Sanches

Cássio Roberto de Oliveira

Celso Luís Rodrigues Vegro

Suplentes

Alexandre Marques

André Arnosti

Mauro Celso Sandoval Silveira

Conselho Editorial

Ana Meire C. Figueiredo, Angelo Petto Neto,

Arlei Arnaldo Madeira, Celso Roberto Panzani,

Henrique Mazotini, Luis Alberto Bourreau e

Taís Tostes Graziano

Coordenação

Nelson de Oliveira Matheus

Tulio Teixeira de Oliveira

Jornalista Responsável

Adriana Ferreira (MTB 42376)

Secretária: Alessandra Copque

Produção: Acerta Comunicação

Revisão: Verônica Zanatta

Diagramação e Ilustração: André Pitelli

Foto capa: CATI/SAA

Projeto gráfico: Janaina Cavalcanti

Envie mensagens com sugestões e críticas
para a editora: redacaojea@aeasp.org.br

Os artigos assinados e opiniões expressas nas
matérias e entrevistas deste veículo não refletem
os posicionamentos da Associação de Engenheiros
Agrônomos do Estado de São Paulo.

Reserva de mercado

Por
Tulio Teixeira de Oliveira

O que é reserva de mercado? O termo foi cunhado para definir uma política governamental que impedisse legalmente o acesso e a importação de uma determinada classe de produtos e bens de consumo com vistas a uma pretensa proteção e desenvolvimento da indústria nacional e incremento da pesquisa científica interna.

Mas, afóra a defesa da indústria nacional, podem existir formas de proteção de determinados grupos por parte de organismos governamentais em detrimentos de outros que concorrem dentro do país, as quais se constituem barreiras competitivas com prejuízos ao anseio do usuário por uma concorrência mais incisiva.

A reavaliação do Ibama dos ingredientes ativos de agrotóxicos sob suspeita de danos graves às abelhas incorporou um procedimento que pode perfeitamente se enquadrar nesse conceito. O Ibama está travando a entrada no mercado de produtos similares, sem proibir aqueles que já estão em comercialização rotineiramente.

O órgão ambiental resolveu monocraticamente paralisar a análise dos pleitos em andamento e não conceder o PPA – Potencial de Periculosidade Ambiental, documento imprescindível junto ao Ministério da Agricultura para concessão do registro de produção, importação, comercialização e uso. A análise será retomada ao fim do processo de reavaliação.

Ocorre que o sistema de registro de agrotóxico no Brasil sofre de uma crônica enfermidade de causa misteriosa e que gera uma imensa fila de pleitos de registros. A análise de um pedido leva sete anos para ser processada, em média. Pode ser um pouco menos, se o produto for considerado prioritário ou muito mais se não o for. Mesmo tendo uma lei – 7802/1989 – a determinar o prazo de 120 dias para expedição ou negação do registro a partir da data do protocolo; e tendo sido onerada com taxas na Anvisa e no Ibama. Mas esse crime de lesa-cliente é outro assunto. O que queremos ressaltar é que, mesmo terminando a reavaliação, a empresa ainda vai demorar a receber o PPA, alongando o período de reserva de mercado.

Pergunte-se, caro leitor, que produto pode fazer mal às abelhas: (a) aquele realmente lançado ao meio ambiente ou

(b) aquele que ainda está em processo de registro, aguardando licença para iniciar suas vendas?

Pois bem, o Ibama afirma – inclusive perante a Justiça – que a resposta certa é a “b”, alegando o princípio da precaução. Não, não é um dito jocoso, é a pura verdade; está lá nos autos do processo que a AENDA move contra o Ibama.

O Ibama não quer novos produtos adentrando ao mercado, pois podem avolumar a quantidade desses maléficos (por antecipação, já que não terminou a reavaliação) ingredientes ativos no meio ambiente. Porém, os produtos que já estão sendo usados avolumaram de tal forma que o mercado alcançou seu ápice.

A proibição, pois, tem tão somente o condão de barrar a concorrência e a consequente redução dos preços. Reserva de mercado na plena acepção do termo.

A reavaliação desses produtos teve início com um comunicado do Ibama datado de 19 de julho de 2012. As substâncias consideradas com efeitos adversos às abelhas, observados em estudos científicos e em diversas partes do mundo, foram Imidacloprido, Tiametoxam, Clotianidina e Fipronil. Estamos em 2016 e o processo continua. São quatro anos de investigação sem qualquer resultado.

A bem da verdade, não é só o Ibama que defende essa reserva de mercado. O princípio da precaução embaralha até o raciocínio dos juízes. A ação judiciária movida pela AENDA a favor da liberação dos produtos em trâmite de registro, enquanto os trabalhos de reavaliação não terminem, foi iniciada em 2014 e até o momento as manifestações da Justiça têm sido a favor do Ibama. Portanto, a Justiça também está apoiando a reserva de mercado nesse episódio.

A intrigante conclusão que tiramos da atitude governamental é que essa reserva de mercado é benigna para as abelhas. 

*Eng. Agr. Tulio Teixeira de Oliveira Diretor Executivo da AENDA
www.aenda.org.br | aenda@aenda.org.br



AENDA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS DEFENSIVOS GENÉRICOS

Unidade política

Para os participantes do XII Congresso Paulista de Agronomia, a união da classe é fundamental para garantir avanços



Na noite do dia 20 de setembro se deu a abertura do XII Congresso Paulista de Agronomia, na cidade de Itapetininga (SP). O encontro foi promovido pela Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP) em parceria com a Associação dos Engenheiros da Região de Itapetininga (AERI) e o Clube dos Agrônomos de Campinas (CAC) e organizado pela Araiby Agronegócios.

Com o tema “A Inserção do Engenheiro Agrônomo no Atual Contexto Político e Econômico Nacional”, o evento chamou a atenção para a necessidade de maior engajamento dos profissionais com vistas a obter avanços nas pautas locais e nacionais que beneficiam a categoria e o agronegócio, setor que mais absorve essa mão de obra e que, atualmente, tem papel fundamental na economia do país.



Além de congregar a classe, o evento teve como principais objetivos discutir as perspectivas de atuação dos profissionais na extensão rural, pesquisa, defesa agropecuária, ensino e iniciativa privada no Estado de São Paulo, bem como o nível de empregabilidade e a análise do papel do engenheiro agrônomo para a agropecuária e o meio ambiente.

O presidente da AEASP, Angelo Petto Neto, abriu o evento e recebeu no palco o secretário-adjunto da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Rubens Rizek; o secretário de Planejamento de Itapetininga, Luiz Antonio Nalini; o deputado estadual Edson Giriboni; o coronel Milton Sussumo Nomura, representando o presidente da Feasp, Fábio Meirelles, que não pôde comparecer; o presidente da Associação Comercial de Itapetininga, Eres Paolo Franciosi; o presidente da Andav, Henrique Mazotini; o presidente do Clube dos Engenheiros Agrônomos de Campinas, Celso Roberto Panzani; o presidente da Associação dos Engenheiros da Região de Itapetininga, José Antonio Saad; o representante do Crea-SP, engenheiro Gumercindo Ferreira da Silva; a presidente da Delegacia de Sorocaba do Sindicato dos Engenheiros do Estado de São Paulo, Fátima Aparecida Blockwitz; e o professor da FEA-USP de Ribeirão Preto Marcos Fava Neves, que proferiu a palestra inaugural do CPA.

Em seu discurso, o presidente da AEASP disse que a sociedade urbana parece desconhecer ou não valorizar devidamente os engenheiros agrônomos. “Entretanto, essa categoria está envolvida na agricultura que mantém o abastecimento das populações. Mas isso é também fruto da acomodação da classe que não se mobiliza para buscar essa valorização. Daí a proposta desse congresso”, justificou.

O secretário-adjunto da pasta da Agricultura no Estado de São Paulo fez um longo discurso no qual exaltou a agropecuária e a classe agrônoma. Ele reconheceu que os engenheiros agrô-

mos que atuam no Estado ganham “muito pouco”. Em sua visão, são profissionais apaixonados que priorizam o trabalho mais do que a remuneração. A esse propósito, ele assegurou que, junto com o titular da pasta, Arnaldo Jardim, vão trabalhar para equiparar o salário desses profissionais ao dos especialistas ambientais, que ganham mais.

Na opinião de Rizek, o CPA é um fórum importante para tratar das necessidades do segmento. Ele pede ao presidente Angelo que lhe encaminhe as principais demandas do encontro para que a SAA possa levá-las ao Ministério da Agricultura, Abastecimento e Pecuária (MAPA). “Vamos fazer política pública”, resumiu.

É a primeira vez que a AEASP realiza um Congresso Paulista de Agronomia em Itapetininga. A escolha faz parte da estratégia adotada pela atual gestão de interiorizar a AEASP. O presidente Petto acrescenta, porém, que o engenheiro agrônomo José Antonio Piedade, delegado da entidade em Itapetininga e membro da comissão executiva do evento, ofereceu o apoio necessário para o CPA ser recebido na cidade.

O engenheiro agrônomo e professor da Esalq-USP Roque Dechen, um dos moderadores do evento, elogiou a decisão da AEASP. “A agricultura de São Paulo não ocorre na capital, ocorre no interior. É importante que a AEASP leve esse fórum e congregue os profissionais e demais envolvidos no setor para mostrar à comunidade a preocupação que a classe tem em produzir alimentos de modo sustentável”, sintetizou.

Os CPAs deveriam ocorrer bianualmente, mas não tem havido essa regularidade. “Esses eventos foram idealizados para servirem de base para os assuntos que serão discutidos no Congresso Brasileiro de Agronomia. Mas eles têm sido pouco intermitentes em todas as unidades da federação em função de uma desmobilização



que a nossa classe sofre. Precisamos mudar esse procedimento. Todos desejamos a democracia, mas ela começa exatamente com a participação dentro das associações, entidades que estão sediadas na célula mater do país, que é o município”, resume Petto.

Tendências

Profissionais notáveis passaram pelo XII CPA, na plateia e no palco, em painéis diversos debateram as possibilidades de se fortalecer a engenharia agrônoma nos âmbitos da pesquisa, extensão rural, ensino, defesa, pública e privada, e também por meio do Crea e das associações de classe. A tecnologia e a participação política foram temas recorrentes que perpassaram praticamente todas as falas.

A palestra inaugural foi proferida pelo engenheiro agrônomo Marcos Fava Neves, professor da FEA-USP de Ribeirão Preto e fundador da Markestrat, centro de pesquisa e projetos em marketing e estratégia.

Possuidor de uma visão global, o especialista afirmou: “Não há outra oportunidade melhor para a sociedade brasileira do que ser megaexportadora de comida. Na produção de alimentos, o Brasil, de certa maneira, tem o privilégio de ser quase monopolista. Temos os recursos necessários para o crescimento e desenvolvimento do setor, por isso parte dos nossos concorrentes são removidos dessa possibilidade”.

Entusiasta dos biocombustíveis, ele falou sobre os bons resultados da política dos EUA de mistura de etanol de milho na gasolina. O pesquisador acredita no potencial do Brasil nessa área. “Nós temos o avião e está muito perto da União Europeia colocar um regulamento que todo avião que cruzar a União Europeia vai ter 10% de bioquerosene. Nessa área, jogamos na primeira divisão”, frisa.

Segundo projeções feitas por Neves e sua equipe, se a tampinha da Coca-Cola fosse feita de plástico renovável, isso poderia significar 1,5 milhão de toneladas de cana-de-açúcar. Ele também prevê o crescimento do uso da biomassa altamente compactada: “Acredito que em cinco anos teremos uma *comoditie* que é tijolo de bagaço. A eletricidade é um produto das fazendas hoje”.

A parte difícil para assegurar o bom desempenho do agro, segundo o pesquisador, diz respeito aos obstáculos internos que o Brasil precisa superar, tais como

carga tributária, corrupção, logística, taxa cambial, dentre outros. Ele também disse lamentar ver “o agricultor brasileiro se ajoelhar para o sistema financeiro”.

O professor da FEA-USP apontou algumas tendências para o futuro, tais como maior volatilidade de preços, mudanças climáticas, adesão ao modelo de economia circular, maior intervenção do Estado e evoluções tecnológicas, como a agricultura em nuvens. “Vamos observar nos próximos dez anos um menor número de produtores que não serão donos das terras, serão gestores. É inexorável. Precisamos alertar as pessoas que não estão gerenciando bem suas terras para que as arrendem, antes de as perderem.”

Sobre o papel do Estado nos negócios, ele comenta: “Arnaldo Jardim e o Blairo Magi precisam ser bons porque vão interferir cada vez mais. Não pense que vamos nos livrar da política pública. Ela será cada vez mais presente e tem de estar junto. Ray Goldberg, que criou o conceito de agribusiness, disse que o público e o privado ficarão cada vez mais difíceis de separar”.

Otimista, Fava Neves conclui: “Vocês terão 25 anos maravilhosos pela frente porque essa é a melhor profissão do mundo, no melhor lugar do mundo para se trabalhar”.

Destaques

A pesquisa e o ensino também estiveram na pauta. Orlando Melo de Castro, coordenador da Agência Paulista de Pesquisa (Apta), apresentou dados da entidade e dos institutos de pesquisa a ela ligados e explanou sobre o futuro da entidade. Dentre os diversos desafios postos para o bom desempenho da Apta, o coordenador afirmou que será preciso formular parcerias entre instituições públicas e privadas, compartilhar estruturas e competências, fortalecer as parcerias em pesquisa e inovação, incorporar novos mecanismos de financiamento e buscar parcerias internacionais. Além de fomentar o empreendedorismo por meio de *startups* e incubadoras e demais modelos inovadores.

A Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CAATI-SAA), que faz parte da estrutura da Secretaria de Agricultura, possui 40 regionais, mais os órgãos centrais e o departamento de sementes e está presente em 594 municípios. Para o coordenador da entidade, Jose Carlos Rosseti, a grande mudança ocorrida na atuação da CATI é que antes faziam assistência técnica e hoje



esse serviço ficou com a iniciativa privada, e eles se dedicam à extensão rural. “Precisamos ter visão compartilhada, trabalhando em cadeias. Você não pode salvar a citricultura e enterrar o agricultor. Você tem de olhar as pessoas. Essa é a visão da extensão hoje”, comentou.

Sobre o programa Microbacias, ele esclareceu: “O primeiro Microbacias era para cuidar do ambiente, quebrar o ciclo da fome, agora, no segundo, o objetivo é agregar valor para o produtor sobreviver com decência”. E deu exemplos de produtores, assistidos pela CATI, que têm sido bem-sucedidos em seus negócios.

Formação

No último dia do CPA, o ensino da agronomia foi discutido em seus diversos aspectos. A professora Andréa Cristiane Sanches, da Universidade Unicastelo de Fernandópolis (SP), falou da importância das universidades particulares, que conseguem cobrir regiões do Brasil onde as instituições públicas não estão.

Feliz em formar engenheiros agrônomos, Andréa disse que também faz questão de se manter como produtora rural e que é possível ganhar dinheiro com a atividade. Ela cita, inclusive, o fato de muitos de seus alunos fazerem a opção por empreender no campo.

A docente da Unicastelo considera necessário aumentar o número de disciplinas ligadas à gestão do agronegócio nas universidades. “Há muitas vagas para gestão de propriedades rurais no mercado”, acrescentou. Ela comentou também que vê com bons olhos o uso de celulares e das redes sociais pelos estudantes, pois as tecnologias aproximam alunos e professores.

A engenheira agrônoma Aline Regina Piedade, coordenadora de ensino de graduação na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), reforça a ideia de que a principal demanda do mercado de trabalho é por profissionais com conhecimento em gestão. Ela conta que é comum os egressos da agronomia retornarem aos bancos da faculdade para se especializarem em gestão do agronegócio.

A professora diz também que, quando estão na graduação, os jovens tendem a se interessar mais pela produção, e pondera: “Claro que essa parte é importante, mas a gestão do agro e a valorização do produto para agregação de valor é que fazem a diferença. As empresas querem maximizar o lucro e comercializar da melhor

forma seus produtos, e muitos agrônomos perdem espaço para os administradores por não terem condições de corresponder a essa exigência”.

Outro tema que se manteve presente em boa parte das palestras foi a criação de novos cursos oriundos da grade de agronomia e as consequências, como, por exemplo, o sombreamento das profissões.

O palestrante, engenheiro agrônomo Levi Montebelo, presidente da Cooperativa de Trabalho dos Profissionais em Ciências Agrárias (Coota), fez duras críticas ao excesso de cursos. Ele defende que a especialização seja feita somente após a faculdade, como ocorre com a medicina. E foi categórico: “Tem de ser engenheiro agrônomo, tem de estar preparado para produzir alimentos, o resto é vaidade”.

O professor do Departamento de Produção Vegetal da ESALQ Ricardo Victoria Filho apresentou as tendências mundiais para a formação de engenheiros agrônomos e revelou alguns dados. Por exemplo, apenas 12% dos jovens brasileiros têm nível superior completo, contra mais de 80% nos EUA e na Coreia do Sul, 50% na França e mais de 20% na Argentina e no Equador. Entre as dificuldades listadas por Victoria, estão o despreparo do jovem que chega à universidade. Para as instituições de ensino, ele entende que o desafio é manter a competitividade e a sustentabilidade sem comprometer a qualidade dos cursos.

O ex-ministro da Agricultura e atual coordenador do Centro de Agronegócio da FGV/EESP, Roberto Rodrigues, encerrou o XII CPA. Com seu estilo informal, sentou-se no palco e conversou com os colegas presentes. Fez considerações sobre inúmeras questões da agropecuária, além de compartilhar experiências de vida: “Cheguei à conclusão de que cada um tem que ensinar tudo o que sabe para todo mundo. Se todos ensinarmos um para o outro, reciprocamente, tudo o que sabemos, seremos iguais, haverá equilíbrio, e teremos um mundo melhor. É um círculo virtuoso. Fui professor da Unesp por 37 anos. Mas aprendi que ninguém faz isso sozinho, a participação e a informação recíproca são coletivas, por isso fui trabalhar em cooperativa”. Inspirado, Rodrigues deixou um recado para os futuros agrônomos: “Essa juventude extraordinária da agricultura brasileira tem o papel de fazer do Brasil o campeão mundial da segurança alimentar e, portanto, o campeão mundial da paz, porque não há paz onde houver fome”. 



> Boas práticas agrícolas



> Boa comida

Existe um país admirado internacionalmente, que produz e preserva, usando boas práticas agrícolas. Esse país é o Brasil. Alimentamos centenas de milhões de pessoas, aqui e no exterior. Com muito sabor e saúde.

Conheça mais sobre essa história de sucesso do nosso campo e da nossa mesa.

www.BoasPraticas.org

Geração de parcerias

Fundag comemora 25 anos de realizações

Para celebrar um quarto de século de existência, a Fundação de Apoio à Pesquisa Agrícola (Fundag) organizou o workshop “Fundag 25 Anos: Soluções e Alternativas para Pesquisa e Inovação no Agronegócio” que contou com a presença do secretário-adjunto da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA), Rubens Rizek, e reuniu pesquisadores e diretores dos institutos de pesquisa da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta), que fizeram palestras sobre a importância da entidade para a viabilização das parcerias com a iniciativa privada.

O evento foi realizado nas dependências do Instituto Agrícola de Campinas (IAC), pois a história da Fundag está intimamente ligada ao IAC, tanto que inicialmente chamava-se Fundação IAC.

Ao longo dos anos, a entidade abriu seu leque de atividades e já participou de mais de 1.900 projetos. Atualmente apoia cerca de 30 instituições de pesquisa e inovação tecnológica.

“O papel da Fundag é dar suporte às instituições de pesquisa, estreitar as relações entre os institutos e a iniciativa privada para o desenvolvimento de novas tecnologias e inovações”, explica Orivaldo Brunini, pesquisador do IAC e diretor-presidente da Fundação.

De 2010 a 2015, 539 projetos de pesquisa dos institutos e polos regionais de pesquisa ligados à Apta foram desenvolvidos em conjunto com a Fundag. Isso representa 76% de todos os projetos da agência realizados com fundações de pesquisa.

De acordo com Orlando Melo de Castro, coordenador da Apta, no biênio 2014-2015, o orçamento foi de R\$ 616,4 milhões, sendo 75% desses recursos oriundos do Governo do Estado, 17,6% da iniciativa privada, 4,2% das agências



O eng. agrônomo Orivaldo Brunini, diretor-presidente da Fundag

de fomento estaduais e federais e 3,2% do Fundo Especial de Defesa.

O secretário-adjunto, Rubens Rizek, ressaltou a porcentagem privada no orçamento da agência, destacando o financiamento de pesquisa no exterior, em que 1/3 do recurso é oriundo do governo, 1/3 de fomento e 1/3 da iniciativa privada. “Fazer pesquisa é caro e ficará cada vez mais caro, precisamos do apoio privado, pois o orçamento governamental também é comprometido com outras áreas, como saúde, educação e segurança. Todos nós sabemos da importância da pesquisa científica, principalmente a agropecuária, que alimenta as pessoas, mas precisamos diversificar os recursos para compor o orçamento”, explicou.

Brunini conta que a eficiência e a produtividade marcam a atuação da Fundag. “Nesses 25 anos, foram firmados parcerias e convênios com inúmeras instituições de pesquisa, privadas e públicas, tanto nacionais como internacionais, como União Europeia, organização



Rubens Rizek, secretário-adjunto da pasta da Agricultura em SP

meteorológica mundial, universidades e centros de pesquisa dos Estados Unidos, Espanha, Itália, Portugal, África do Sul, Grã-Bretanha, América Latina, México, entre outros”, informa.

O programa Aplique Bem; Procana; Cii-agro, Rede Meteorológica, preservação de nascentes, eficiência do uso da água, zoneamento edafoclimático são alguns dos importantes trabalhos desenvolvidos pela Fundag. “Nossos desafios são os de nos mantermos atualizados sem perder o foco na sustentabilidade agrícola. Ser sempre uma instituição ágil e eficiente, colaborando com o desenvolvimento social e econômico do país”, assinala Brunini.

O presidente da fundação acrescenta que estão nos planos o desenvolvimento de projetos nas áreas de segurança hídrica e alimentar, senso varietal, eficiência e inovação no agronegócio e sistemas de produção, apoio a programas de pós-graduação e capacitação das instituições públicas e privadas. 

Sizuo Matsuoka

Expoente no melhoramento da cana-de-açúcar, pesquisador leva seu conhecimento para o mercado e investe em bioenergia

Por

Adriana Ferreira

É impossível falar em melhoramento genético de cana-de-açúcar no Brasil sem mencionar Sizuo Matsuoka. Esse engenheiro agrônomo de 71 anos, descendente de japoneses, nascido na pequena cidade de Coroados, no interior paulista, contribuiu de modo significativo para a evolução do setor sucroalcooleiro nas últimas décadas. Em reconhecimento à sua atuação, recentemente foi homenageado pela Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) com o Prêmio Norman Borlaug de Sustentabilidade.

Casado, pai de três filhos e avô de cinco netos, filho de pequenos produtores rurais. É formado pela turma de 1967 da Esalq-USP. Matsuoka não planejou se tornar uma sumidade na cultura da cana, mas com dedicação e senso de oportunidade construiu uma trajetória de sucesso.

Quando iniciou sua carreira, o único fitopatologista de cana-de-açúcar do país, Spencer Correa de Arruda, do Instituto Biológico, havia se aposentado. O jovem engenheiro agrônomo sentiu o peso da responsabilidade de continuar o trabalho desenvolvido por Spencer.

Coincidentemente, nessa época, a pesquisa canavieira começou a tomar vulto. Em 1969, foi criado o programa de pesquisa da Copersucar, cooperativa de usineiros do Estado de São Paulo, e um programa de melhoramento genético, ao qual, obrigatoriamente, se associava a fitopatologia.

Em seguida, no Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), órgão do Ministério da Indústria e do Comércio à época, criou-se o Planalsucar, uma entidade de pesquisa canavieira, onde também o melhoramento genético constituía a espinha dorsal. Matsuoka, então, passou a ser muito requisitado por pesquisadores das duas instituições. Em 1973, quando já tinha se doutorado pela Esalq, recebeu convite do Planalsucar para integrar a sua equipe. Mais tarde, quando o IAA foi extinto, o pesquisador, que havia criado a variedade mais cultivada no país, distribuiu mudas às usinas para evitar que desaparecessem.

O ano de 2003 marcou uma virada na carreira de Matsuoka. Após construir sólida reputação no meio científico, encarou o desafio de migrar para a iniciativa privada. Aceitou o convite do Grupo Votorantim para integrar a CanaVialis, primeira empresa de melhoramento genético de cana. O empreendimento foi tão bem-sucedido que, em 2008, a Monsanto comprou a CanaVialis por R\$ 300 milhões.

Ainda na companhia, o engenheiro agrônomo desenvolveu a cana-energia, espécie voltada para a geração de energia e com muitas vantagens sobre a cana-de-açúcar, mas a CanaVialis, já sob

o comando da Monsanto, não quis dar continuidade ao estudo.

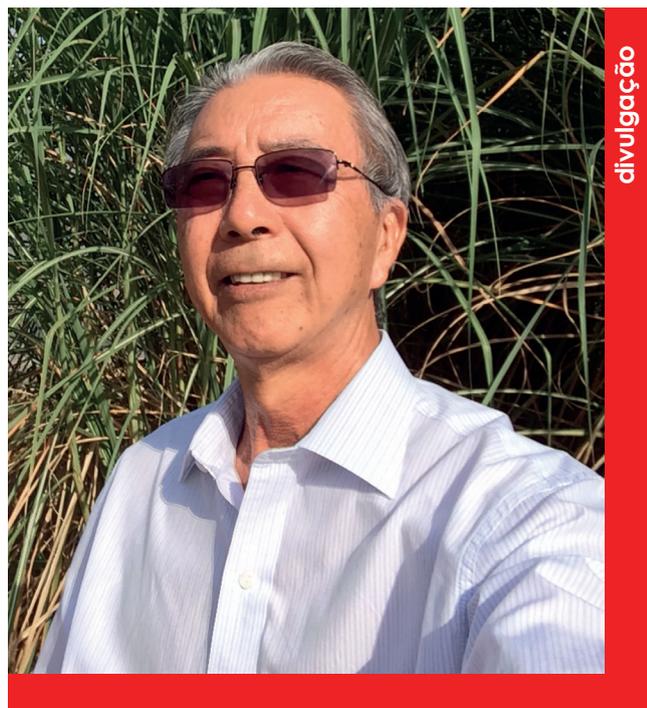
Porém, Matsuoka decidiu prosseguir com o projeto e juntamente com o sócio, Luis Claudio Rubio, fundou em 2010 a Vignis, empresa que oferece biomassa para a produção de energia renovável a partir da cana-energia ou supercana, como também é conhecida.

■ Por que se interessou pela pesquisa com cana-de-açúcar?

Meu orientador era o saudoso prof. Hiroshi Kimati, que me incumbiu de estudar a doença vírus do mosaico do feijoeiro. Tendo me diplomado, meu intuito era ser pesquisador nessa área de vírus. Na época se distinguiam dois expoentes: a dra. Victoria Rosseti, no Instituto Biológico, especialista em viroses de citrus, e o dr. Álvaro Santos Costa, no IAC, que trabalhava com virologia de plantas em geral. Consegui entrevista com ambos e optei em trabalhar com o segundo. O dr. Álvaro estava formando um núcleo de virologia, dentre os quais especialistas de vírus nas principais culturas. Ele disse que entre as culturas que ainda requeriam especialistas estavam o morangueiro, a videira e a cana-de-açúcar. Decidi por esta última, o principal alvo deveria ser o "raquitismo-da-soqueira", uma doença muito importante e que, àquela época, se julgava ser de causa virótica; mais tarde se descobriu que era de causa bacteriana.

■ Quais são as principais lembranças de sua turma da Esalq de 1967?

Talvez, por ter sido um período difícil em termos particulares (não é o caso detalhar), não tenho nenhuma lembrança especial, a não ser aquelas relativas ao convívio com os colegas de classe, de ouvir música no aparelho Hi-Fi que a Casa do Estudante tinha conseguido comprar (para mim um luxo, tanto o aparelho como a oportunidade de ouvir música nas poucas horas vagas). Outra lembrança, que não se pode dizer agradável, diz respeito à repressão da ditadura militar. Eu não tinha muita consciência do problema, mas lia alguns livros considerados "subversivos", como os de Josué de Castro, e tinha um amigo mais à esquerda que teve de fugir, abandonando o curso. Ele não era "subversivo", mas sim atuante na comunidade eclesial. Numa ocasião, estava com ele num grupo no interior da catedral e percebemos uma agitação. Logo nos disseram que se tratava de uma cavalaria do exército que estava lá para averiguar se aquela reunião era "subversiva". Com a intervenção do pároco, depois de muita negociação e esclarecimentos, a cavalaria se retirou. Em outra ocasião, à noite, a polícia invadiu a Casa do Estudante para sequestrar um colega, que teve seus livros



levados e, segundo soubemos, sofreu tortura.

■ **Como foi a passagem do meio acadêmico para o mercado?**

Essa passagem foi a mais marcante na minha carreira. Havia um grande desafio técnico e também gerencial. Na universidade, como todos sabem, os professores são muito independentes e, por isso, a atuação era mais informal. O que havia era mais um 'esprit de corps', uma união em torno de um ideal ainda sobrevivente da entidade anterior, o Planalsucar. Mas cabe registrar que tal espírito foi crucial para o sucesso do programa de melhoramento, junto com a responsabilidade para alcançar resultados. Foi, aliás, tal sucesso o que fez a Votorantim escolher nosso grupo para fundar a CanaVialis, num julgamento retrospectivo que faço. Mas agora era necessário aplicar os conhecimentos técnicos de maneira empresarial, visando a resultados, ou seja, lucro. Para tal, os melhores conhecimentos teriam que ser aplicados pragmaticamente, sem margem para erros. Assim, na CanaVialis foram feitas muitas inovações em processos e métodos de melhoramento de cana-de-açúcar.

■ **Após deixar a CanaVialis, o senhor abriu a Vignis, em 2010. Quais foram suas motivações?**

Ainda na CanaVialis, em atendimento a uma visão da Votorantim de que a produção de biomassa haveria de se tornar uma atividade muito importante para o país, passamos a desenvolver um projeto paralelo, pequeno, nessa linha. Além de estudar algumas potenciais plantas produtoras de biomassa, desenvolvemos a cana-energia. Logo, ela se mostrou a mais adequada, não só agronomicamente, mas principalmente em potencial de produtividade. Esse potencial era tão grande que entusiasmou toda a equipe. Lá, tivemos a oportunidade de realizar as primeiras seleções de cana-energia e comprovar preliminarmente tal potencial. Quando a CanaVialis foi vendida, em dezembro de 2008, o foco da nova empresa era a cana-de-açúcar, de modo que o projeto de cana-energia deveria ser descontinuado. Isso nos causou mui-

to estresse porque não concebíamos que um projeto como aquele pudesse desaparecer. Cumpridos os seis meses, que era uma das cláusulas do processo de venda, decidimos que era hora de emprendermos na fundação de uma empresa específica para a criação de cana-energia.

■ **Quais as vantagens dessa cultivar?**

A cana-energia apresenta inúmeras vantagens em relação à cana convencional e que, ao final, se resume em alta produtividade. Como não é possível entrar em detalhes, basta dizer que alta produtividade se constitui em vantagem não só econômica, mas também ambiental. E alta produtividade não se refere a percentuais usuais de 5% a 10% de uma nova variedade, mas de valores que podem chegar a 200%, ou mais, dependendo de comparações específicas que sejam feitas. Isso é uma verdadeira revolução.

■ **E quanto aos custos para adaptação das máquinas agrícolas, uma vez que a cana-energia é muito mais alta?**

Qualquer tecnologia nova exige algum nível de adaptação. O tradicionalismo, em contraposição, é um obstáculo ao desenvolvimento tecnológico, à inovação. A Vignis, uma empresa essencialmente inovadora, está no dia a dia quebrando paradigmas e vem superando também essa dificuldade de adaptação de máquinas. Uma inovação introduzida nessa questão é a colheita integral com colhedoras forrageiras, levando a matéria-prima em particulados de 20 mm, assim dispensando a custosa operação de desfibramento da cana antes da moagem. É de se esperar que essa inovação venha a ser aplicada também na colheita da cana convencional, causando uma mudança significativa no setor, tanto na área agrícola como na industrial.

■ **Quais são os principais entraves para a produção de bioenergia no país?**

O Brasil tem condições excepcionais e únicas no mundo para a produção de biomassa e, conseqüentemente, de bioenergia, em volume muito maior do que faz atualmente. Poderia até triplicar, para dar uma referência grosseira. Só falta a definição de uma política energética de longo prazo, que traga segurança jurídica para o setor. Com isso, deverá ocorrer a retomada dos projetos que estão praticamente parados desde 2010.

■ **Há muitos concorrentes nesse mercado?**

Para o modelo de negócio da Vignis, não temos concorrentes. Nosso modelo de captura de valor se baseia na vantagem competitiva que o desenvolvimento de variedades de cana-energia nos proporciona, com o uso exclusivo de variedades proprietárias, mais adaptadas às condições de solo e clima do entorno do cliente, selecionadas entre um grande conjunto de materiais genéticos diferentes, no próprio local. A Vignis assume todos os riscos e o cliente, nenhum, ou seja, nós produzimos as variedades de cana-energia, operamos a área comercial de produção e entregamos a matéria-prima na esteira da fábrica, tanto na forma de bagaço (empresas de fora do setor canavieiro) como a cana integral no caso de usinas/destilarias. 

Deusa Ceres

AEASP define os nomes dos melhores profissionais da agronomia em 2016

Por
Sandra Mastrogiacomio

A Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP) já definiu os profissionais que serão homenageados na cerimônia da Deusa Ceres. Os homenageados foram eleitos pelo Conselho Deliberativo da AEASP, mediante proposta fundamentada pela diretoria e pelos associados. O objetivo é reconhecer a contribuição desses engenheiros agrônomos para o agronegócio.

Os profissionais escolhidos serão homenageados na cerimônia da Deusa Ceres com as medalhas Fernando Costa e Joaquim Eugênio de Lima, além da estátua da Deusa Ceres, entregue ao Engenheiro Agrônomo do Ano. A solenidade, considerada uma das mais importantes do meio, será realizada durante a Agrishow, em 2017.

O título de Engenheiro Agrônomo do Ano é concedido pela AEASP desde 1972 e a medalha Fernando Costa, desde 1991. Conheça os nove profissionais que entram para o seleto grupo de agrônomos reconhecidos pela AEASP.

O Engenheiro Agrônomo do Ano



O engenheiro agrônomo José Carlos Gonçalves, 75 anos, é um dos expoentes na cafeicultura. Formado pela Esalq-USP há 51 anos, seu primeiro trabalho foi em Campinas, na seção de Café da Secretaria Municipal de Agricultura. O

mineiro de São Sebastião do Paraíso também atuou no extinto Instituto Brasileiro do Café (IBC), no Instituto Agromônico de Campinas (IAC) e no Instituto Illy Café, entre outras empresas de porte do setor cafeeiro.

Atualmente, Gonçalves é produtor rural em propriedades localizadas em Minas e em São Paulo, dedicando-se aos cultivos de café e abacate, além da pecuária de corte. Também é diretor do grupo Cafetotal Empreendimentos.

Medalha Fernando Costa Ação ambiental



Formado em engenharia agrônômica pela Universidade de Brasília (UnB), Roberto Melo de Araújo possui MBA em management pela FGV/RJ e pós-graduação em marketing pela PUC-Rio, proteção de plantas e engenharia de irrigação, ambas pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Entre 2012 e 2016, foi o diretor-presidente da Fundação Espaço ECO, entidade criada pela Basf para promover o desenvolvimento sustentável no ambiente empresarial e na sociedade. Nos dias atuais, Araújo atua como gerente sênior de comunicação, marketing digital e sustentabilidade para a América Latina, da Unidade de Proteção de Cultivos da Basf.

Assistência Técnica e Extensão Rural



Natural de Ilhabela (SP), Jovino Paulo Ferreira Neto, 58 anos, é engenheiro agrônomo formado pela Unesp-Botucatu, turma de 1982.

Com vasta experiência na área de assistência técnica, o agrônomo já passou pela Caixa Econômica do Estado de São Paulo, pela Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, pela Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa Agropecuária (Fundepag). Atualmente, é diretor-técnico da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI-SAA), Regional Guaratinguetá.

Cooperativismo



Simon Johannes Maria Veldt nasceu na Holanda e ainda criança, junto com seus pais e irmãos, emigrou para o Brasil. Simon cresceu em meio às estufas de flores,

pois seus pais eram agricultores.

Graduou-se em engenharia agrônômica na Esalq-USP (1984) e em engenharia florestal na mesma instituição (1985). Depois de formado, passou a trabalhar nas atividades agrícolas do pai e da Cooperativa de Imigração e Colonização Holambra, a qual preside desde 1993. Ao longo dos anos, realizou uma série de reestruturações na cooperativa, que possibilitaram a expansão e o crescimento da Cooperativa Agroindustrial Holambra II.

Defesa Agropecuária



Mário Sérgio Tomazela é graduado em agronomia pela Unesp – Ilha Solteira. Na mesma instituição, ele realizou o seu mestrado e doutorado. Em 1993, ingressou no Departamento de Defesa Agropecuária da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. Atualmente, Tomazela é coordenador-adjunto da Coordenação de Defesa Agropecuária (CDA) e diretor da Defesa Vegetal do Estado de São Paulo, responsável pela elaboração de projetos jurídicos voltados à Segurança Fitossanitária do Agronegócio Paulista.

Área de Ensino



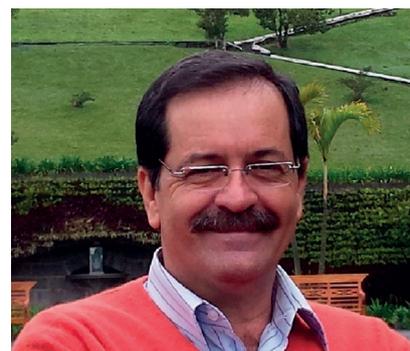
Nascido em Lins (SP), o engenheiro agrônomo Marcos Fava Neves formou-se pela Esalq-USP e seguiu carreira acadêmica. Especializou-se em planejamento e gestão estratégica e fez pós-graduação em administração, na FEA/USP. É professor titular da FEA/USP em Ribeirão Preto, foi professor visitante da Purdue University, em West Lafayette, Indiana (EUA). Com perfil empreendedor, também fundou a Markestrat, um centro de projetos e pesquisas em marketing e estratégia que presta serviços para diversas empresas com foco no agronegócio.

Iniciativa Privada



Lincoln Hiroshi Miike graduou-se como engenheiro agrônomo em 1976, pela Unesp – Jaboticabal. Após ter trabalhado em diversas empresas multinacionais, como Basf e Rohm and Haas, Lincoln abriu sua própria empresa. É sócio-gerente na empresa Vetquímica Comercial Agrícola LTDA. Também possui participação nas empresas Ambientec, Protec, Nacional Frutas, Ecograpes, Vinor Agronegócio e GPD Vetquímica.

Pesquisa



Antonio Batista Filho, nascido em 1958 na capital paulista, formou-se engenheiro agrônomo em 1980 pela Esalq-USP. Nessa mesma instituição, realizou o seu mestrado e doutorado na área de entomologia, com especialização em controle biológico de pragas. Pesquisador científico nível VI, já atuou como chefe da Seção de Controle Biológico das Pragas, chefe da Estação Experimental de Campinas e diretor do Centro Experimental do Instituto Biológico. Desde 2004, é o diretor-geral do Instituto Biológico de São Paulo.

Medalha Joaquim Eugênio de Lima



Taís Tostes Graziano é engenheira agrônoma formada na Esalq-USP, turma de 1976. Foi professora na área de floricultura, plantas ornamentais e paisagismo na Unesp-Jaboticabal e pesquisadora na área de floricultura e plantas ornamentais IAC, até a sua aposentadoria, em 2011. Dentre as muitas atividades que desenvolveu, destaca-se a sua participação na Comissão de Elaboração do Plano Diretor do Parque da Água Branca. É membro da diretoria-executiva e do conselho editorial do *Jornal do Engenheiro Agrônomo*. Também faz parte da Câmara de Agronomia do Crea-SP. É sócia-proprietária da empresa Página 5 Assistência Ambiental. 🇧🇷

Plano ABC estadual

Governo anuncia as ações que terão primazia

Em cerimônia realizada na sede da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA), foi lançado o Plano Estadual de Mitigação e de Adaptação às Mudanças Climáticas para a Consolidação de uma Economia de Baixa Emissão de Carbono na Agricultura (Plano ABC-SP). O secretário Arnaldo Jardim abriu o evento destacando que o governo do Estado já desenvolve as ferramentas para a aplicação da iniciativa. Compromisso assumido pelo Brasil durante a COP-21, a conferência do clima, em Paris, em 2015, o plano prevê uma série de ações que objetivam diminuir a emissão de carbono na produção agropecuária, em consonância com a tendência mundial de conservação, e adaptar o agro às mudanças climáticas causadas pelo efeito estufa. Em São Paulo, ele será executado pela SAA, em parceria com outras cinco secretarias paulistas, entidades de representação e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Um exemplo das iniciativas incluídas no plano é a disponibilização de dez linhas de financiamento do Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista – o Banco do Agronegócio Familiar (Feap/Banagro). Com elas, o produtor poderá aderir às ações do plano, como recuperação de áreas degradadas por erosões, a adoção da Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), dentre outras. Estimativa do secretário-executivo do Feap, Fernando Aluizio Pontes de Oliveira Penteado, aponta que estão disponíveis R\$ 20 milhões para os agropecuaristas.

Posteriormente ao anúncio oficial do programa, o grupo gestor do Plano ABC estadual definiu as prioridades para a execução da iniciativa, em reunião na sede da SAA, e considerou o que é mais executável dentre os sete programas previstos. A recuperação de pastagens degradadas foi eleita como a primeira prioridade, sendo a divulgação de políticas públicas para o setor produtivo a primeira ação a ser realizada. A segunda prioridade será a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF) e os Sistemas Agroflorestais (SAFs), com a campanha de divulgação como tarefa primordial.

As ações estão de acordo com o Plano ABC nacional e visam ao cumprimento das metas de redução de carbono estabelecidas pela COP-21. “Nós já estamos vivendo esses problemas causados pelas mudanças climáticas, não é algo que acontecerá somente no futuro”, destacou José Luiz Fontes, responsável pela Assessoria Técnica da Secretaria.

Ainda de acordo com ele, a escolha de prioridades não significa o abandono dos demais pontos.

Prioridades

- 1ª – Recuperação de pastagens degradadas
- 2ª – Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF) e Sistemas Agroflorestais (SAFs)



- 3ª – Plantio direto
- 4ª – Fixação Biológica de Nitrogênio (FBN)
- 5ª – Florestas plantadas
- 6ª – Tratamento de dejetos animais
- 7ª – Adaptação às mudanças climáticas

O Plano Nacional coloca ações como recuperar 15 milhões de hectares de pastagens degradadas por meio do manejo adequado e adubação; aumentar a adoção de sistemas de ILPF e SAFs em 4 milhões de hectares; ampliar a utilização do Sistema Plantio Direto (SPD) em 8 milhões de hectares; e ampliar a fixação biológica de nitrogênio (FBN) em 5,5 milhões de hectares.

A fase estadual prevê o aumento de Sistemas de Plantio Direto e de Cultivo Reduzido em 1 milhão de hectares, estimando uma redução de 2,25 milhões de toneladas de CO² equivalente; aumento de áreas com FBN em 800 mil hectares, estimando uma redução de 1,45 milhão de toneladas de CO² equivalente; incremento na área de florestas plantadas da ordem de 50 mil hectares por ano, totalizando até 2020, 200 mil hectares; aumentar áreas com ILPF em 200 mil hectares, estimando uma redução de 1 milhão de toneladas de CO² equivalente; e recuperar 6,1 milhões de hectares de pastagens degradadas ou em início de degradação.

Mosca-dos-estábulo

Os produtores rurais poderão fazer a queima controlada para mitigar a proliferação da mosca-dos-estábulo. A Resolução Conjunta entre as Secretarias de Agricultura e Abastecimento e a do Meio Ambiente, publicada no Diário Oficial do Estado no dia 17 de setembro de 2016, prevê a utilização da queima localizada, em caráter excepcional e emergencial, para elimi-

nar materiais orgânicos em decomposição, propícios para a proliferação do inseto. A Resolução foi assinada pelo titular da pasta agrícola, Arnaldo Jardim, durante a reunião técnica com recomendações sobre conservação do solo na cultura da cana-de-açúcar e mosca-dos-estábulo, na Faculdade Integradas de Ourinhos (FIO), em Ourinhos, no dia 16 de setembro de 2016.

Encontro das engenharias

Evento discutiu os desafios das profissões abrigadas no Sistema Confea/Crea/Mutua



O fim de agosto foi marcante para a engenharia e a agronomia, pois o futuro das profissões foi debatido em Foz do Iguaçu (PR) durante a 73ª Semana Oficial da Enge-

nharia e Agronomia (Soea). Foram quatro dias de intensos debates sobre o relevante papel da engenharia e da agronomia para o desenvolvimento nacional: na economia, na acessibilidade, na sustentabilidade ambiental, entre outros segmentos.

O presidente da AEASP, que também preside a Confaeab, Angelo Petto Neto, juntamente com diretores da AEASP, também marcaram presença.

Jovens profissionais e veteranos tiveram a oportunidade de interagir e de ter suas experiências reconhecidas e compartilhadas em cerca de cem eventos simultâneos dentro das programações da Soea e do Congresso Técnico Científico da Engenharia e da Agronomia (Contecc).

Foram 3,5 mil pessoas, entre estudantes, profissionais e personalidades internacionais, representando a engenharia internacional, como a Federação Mundial de Organizações de Engenharia (Fmoi) e a União Pan-Americana de Associações de Engenheiros (Upadi), circulando pelos corredores da Expo Soea, que expunham tecnologia, inovação, empreendedorismo e cultura.

Homenagens e lançamentos

Durante a cerimônia de homenagens – Láurea ao Mérito – o destaque foi o engenheiro agrônomo Fernando Penteado Cardoso. Com 102 anos de idade e 80 anos de inscrição no Crea, foi testemunha viva da

criação e do desenvolvimento do Sistema Confea/Crea. Outros 24 profissionais também foram agraciados com a honraria.

Entre as novidades apresentadas ao público, ganhou destaque o lançamento do site nacional do Crea-Júnior, que possibilitará maior integração, pois as ações dos estudantes da área tecnológica estarão centralizadas em um só local: www.creajr.com.br. Outras inovações que despertaram interesse nos participantes foram as premiações realizadas pela Mútua, Prêmio Mútua de Empreendedorismo e Mútua Premia, que buscam incentivar o potencial do empreendimento inovador, aquele que contribui com a criação ou melhoria de processos, produtos e serviços.

Encerramento

A leitura da Carta de Foz do Iguaçu (PR) marcou o encerramento da semana. No documento, o Sistema Confea/Crea se compromete com ações que visam ao fortalecimento do profissional da área tecnológica nacional e à inserção dos engenheiros na definição e execução de políticas públicas.

“É um documento importante, que nos induz a participar das políticas públicas do nosso país”, disse o presidente do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea), engenheiro civil José Tadeu, que também declarou o apoio do sistema a temas como modernização da legislação; a Lei de Licitações; o Projeto de Lei 13/2013 – que cria a carreira de Estado para engenheiros; e a integração de entidades nacionais e internacionais para estimular a mobilidade profissional. A íntegra da Carta pode ser acessada em www.soea.org.br.



FUNDAÇÃO AGRISUS

agricultura sustentável

Financia projetos de:

- Educação individual (bolsas e viagens);
- Educação coletiva (eventos, publicações);
- Pesquisas técnicas, com o objetivo de melhorar a fertilidade sustentável do solo com ambiente favorável.

www.agrisus.org.br

| perfil

AGRÔNOMO MULTITALENTOS

Ele acrescentou os campos da comunicação, educação e consumo à sua formação profissional enriquecendo seu trabalho agrônomo



Natural de Penápolis (SP), o engenheiro agrônomo Antônio Hélio Junqueira é um dos tantos profissionais da agronomia que se aventuraram em outras áreas, sem deixar de lado a formação original. “São quase quatro décadas ininterruptas dedicadas à agronomia e à agricultura brasileiras”, diz. Formado pela Esalq-USP, turma de 1978, ele também é mestre em comunicação e práticas de consumo pela ESPM e doutor em ciências da comunicação pela ECA-USP.

Atualmente, divide o seu tempo entre o pós-doutorado em comunicação e práticas de consumo na ESPM, o trabalho como professor e pesquisador na mesma instituição e na Universidade Anhembi Morumbi, além da administração de sua empresa, a Hórtica Consultoria e Inteligência de Mercado. E, em parceria com a economista Marcia Peetz, sua sócia na empresa, escreveu o livro *100 Anos de Feiras Livres na Cidade de São Paulo*. Em entrevista ao *JEA*, ele falou sobre o livro, projetos futuros e sobre como o interesse pelas áreas da comunicação e do consumo vem contribuindo para a sua trajetória agrônoma, caracterizada pela constante inovação em projetos e abordagens multidisciplinares e multi-institucionais.

Como surgiu o interesse pelas ciências humanas?

O meu interesse pela área de ciências humanas nunca visou a uma substituição da minha carreira na engenharia agrônoma. Tratou-se, sim, de uma expansão intelectual, técnica e profissional. A minha formação agrícola não mais me permitia continuar avançando pelas esferas por onde o meu trabalho como agrônomo me levava. Sentia que era necessário obter novos conhecimentos teórico-metodológicos de investigação, novos olhares e perspectivas que dessem conta dos meus desafios em campo. Foi na comunicação que encontrei os referenciais que me viabilizaram uma nova inserção crítica e criativa. Considero uma expansão de horizontes e nunca uma substituição à minha profissão de agrônomo, a qual me dedico com verdadeira paixão e que não abandonarei jamais.

Por que o tema feiras livres de São Paulo?

O livro sobre a história dos 100 anos das feiras livres na cidade de São Paulo era um projeto antigo meu e da Marcia Peetz. É um resgate afetivo e documental de um lugar popular e de abastecimento de alimentos com o qual convivemos durante toda a nossa trajetória profissional. Era um desejo de registrar um equipamento e seus profissionais – importantíssimos para a vida econômica e socio-cultural da cidade – para os quais não existia nada antes registrado ou documentado. Sempre foi um projeto de superação e eliminação de uma lacuna imperdoável, que felizmente tivemos a grata honra e a imensa satisfação de poder realizar.

Qual foi a parte mais interessante do projeto?

O projeto todo foi maravilhoso de realizar. A emoção de conseguir recuperar fotos e depoimentos de feirantes e de seus familiares, os achados em arquivos dados por mortos e perdidos, o envolvimento dos próprios órgãos de imprensa e instituições públicas de ciência e cultura, que inclusive se motivaram a partir do nosso trabalho a recuperar e manter arquivos iconográficos já ameaçados pelo descuido e pelo tempo, o envolvimento da equipe de fotógrafos, editores, tudo isso foi magnificamente recompensador.

Diríamos que a receptividade e o carinho do público, especialmente daqueles que já foram, são ou descendem de feirantes, é algo também muito forte. E é maravilhoso que, a partir do livro, muitas pessoas se motivaram a compartilhar conosco imagens, fotos, memórias, depoimentos. Daria até para escrever um volume adicional sobre a memória das feiras livres paulistanas. Quem sabe...

Quais são os seus projetos futuros?

Atualmente, dedico grande parte do meu trabalho aos estudos do consumo, tanto no âmbito da academia quanto do mercado. Acredito tratar-se de um dos mais relevantes temas da atualidade, na medida em que é a partir do consumo que construímos nossas identidades, nossos relacionamentos sociopolíticos e afetivos e nossos compromissos para com a alteridade e o futuro do planeta. 🌱

Visão integrada

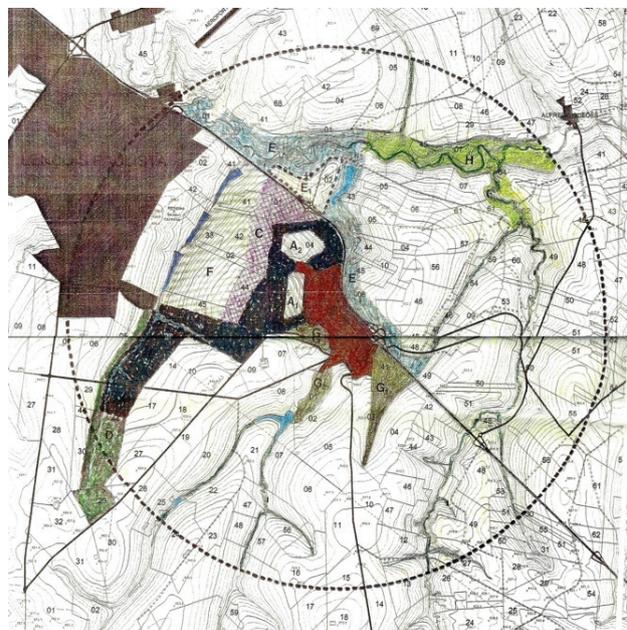
Paisagismo na escala do quilômetro quadrado como atividade do engenheiro agrônomo

Por
Rodolfo Geiser

Engenheiros agrônomos devem ser também fundamentalmente paisagistas. Não me refiro somente ao que se pensa comumente, o projeto e a execução de parques e jardins. Refiro-me em pensar a ocupação humana na paisagem como um todo, nas zonas urbana e rural. Em planejar a macropaisagem na escala do quilômetro quadrado. Parques e jardins são pensados na escala do metro quadrado. Projetar na escala do quilômetro quadrado significa que se pensa o projeto, seu desenho, numa escala quase geográfica, de quem vê uma paisagem do alto de um avião, como se projeta a zona urbana de uma cidade.

Pensando-se em termos simples e absolutos, a atividade do engenheiro agrônomo é pensar e atuar no desenvolvimento da agropecuária baseada no correto aproveitamento e na valorização dos recursos naturais renováveis. São duas atividades básicas: a agropecuária e o manejo dos recursos naturais renováveis. Uma é em função da outra. Não se pode fazer agricultura em prejuízo dos recursos naturais, em especial solo e água. O manejo dos recursos naturais renováveis deve ser planejado também em função da ocupação humana do território em todas as suas facetas: a agrícola, a urbana, o transporte, a construção de represas, a criação de parques e reservas naturais. Em tudo aquilo que ocasiona impacto na paisagem. Estou aqui substituindo as palavras conservação da natureza por paisagem, pois a atividade do engenheiro agrônomo paisagista implica também em pensar de maneira integrada o manejo dos recursos naturais renováveis com o social e a cultura humana como um todo.

Essa tarefa é do engenheiro agrônomo. Não é do geógrafo. O geógrafo tem por formação, entre outros assuntos, o conhecimento dos recursos naturais em si, incluindo os não renováveis. É o engenheiro agrônomo quem tem a formação dirigida ao cultivo, ao 'manejo', ao manejo dos recursos naturais renováveis, inclusive na agropecuária. Nós engenheiros agrônomos temos a responsabilidade de pensar o 'manejo' em todas as facetas, repetindo, tanto a rural quanto a urbana e a de preservação. É fundamental nos conscientizarmos disso. O engenheiro florestal poderia, nessa altura, dizer que também está habilitado. Discordo, pois está em questão saber diferenciar o potencial econômico da produção agropecuária, o que, como as próprias palavras o dizem, não é florestal, e sim de produtos alimentares e similares (álcool como energia, tecidos,...), cujo valor econômico é mola para o sustento da população brasileira e equilíbrio financeiro e riqueza da nação. Essa atividade do engenheiro agrônomo não impede que se trabalhe em equipe, com geógrafos, florestais e, especialmente, arquitetos e urbanistas.



- mancha marrom escura à esquerda – área urbana.
- mancha avermelhada ao centro do círculo - área da indústria que produz açúcar e álcool.
- mancha negra - Cinturão Verde projetado, integrado nas APPs
- manchas em tons verdes - APPs.
- manchas "C" em verde claro e roxa "F" - áreas que não mais serão cultivadas com cana.
- glebas com números - lavouras de cana.

Em minha vida profissional, tive a oportunidade de trabalhar em planejamento na escala da macropaisagem. Em 1968, trabalhei com uma equipe bem ampla de profissionais, como arquitetos urbanistas, engenheiros de diversas especialidades, geólogos, sociólogos, etc, que planejou o 'Zoneamento do Sistema Cantareira', que fornece 40% da água para a região metropolitana de São Paulo. Posteriormente, eu e a arquiteta Christiane Ribeiro elaboramos um 'Plano de Zoneamento e Manejo da Paisagem' para a região de mineração em Itabira (MG), cuja paisagem degradada tanto magoou nosso poeta máximo Drummond de Andrade. E, como ilustra a imagem, também foi elaborado para uma indústria de álcool e açúcar, na região de Bauru, o 'Projeto do Cinturão Verde' que protege uma cidade dos efeitos poluidores da industrialização.

O exposto demonstra a necessidade de se preocupar com 'planejamento' em si como atividade essencial no currículo das escolas de agronomia. E, a lamentar, a tendência em pulverizar a atividade do engenheiro agrônomo criando profissões específicas, tais como o engenheiro florestal e o engenheiro ambiental, o que reduz a representatividade da engenharia agrônoma na sociedade brasileira. ✂

***Rodolfo Geiser é engenheiro agrônomo e paisagista com mais de 50 anos de atuação em grandes projetos**



12 DE OUTUBRO DIADO ENGENHEIRO AGRÔNOMO

É preciso valorizar quem alimenta o mundo

No dia 12 de outubro de 1933, o então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, por meio do Decreto nº 23.196, regulamentou a profissão de engenheiro agrônomo e definiu suas atribuições, a profissão tornou-se a primeira de nível superior regulamentada no país. Para lembrar da importância da data para a agronomia o 12 de outubro ficou consagrado como o Dia Nacional do Engenheiro Agrônomo.

Todas as ações que visem lembrar à sociedade da importância do engenheiro agrônomo são apoiadas e estimuladas pela AEASP há mais de 70 anos. A associação é um importante ator no processo de valorização dessa categoria.

Milênar e moderna, a agricultura é indispensável para o futuro do planeta e nesse cenário o papel do engenheiro agrônomo se eleva. Consciente da importância dos engenheiros agrônomos para alimentar um mundo com projeções de chegar a 9 bilhões de habitantes em 2050, a AEASP se orgulha de ser construída e gerida por engenheiros agrônomos e ser representante dessa categoria. Parabéns a todos os colegas pelo nosso dia!

Seja sócio, porque juntos somos fortes!

A Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP) presta serviços importantes para os profissionais de nível superior das classes agrônômicas. A entidade defende os interesses da categoria, contribuindo pela constante valorização dos engenheiros agrônomos. Ao associar-se à AEASP, você contribui para o fortalecimento desse trabalho, que consiste na defesa dos direitos e interesses dos engenheiros agrônomos; valorização da classe profissional e acesso a informações relevantes para a categoria, por meio do *Jornal do Engenheiro Agrônomo*, do site e das redes sociais da AEASP.

A importância da ART

Prezado associado da AEASP, ao preencher a Anotação de Responsabilidade Técnica (ART) não se esqueça de registrar no campo 31 o número 58. Desta forma, você estará ajudando a AEASP a obter mais recursos que serão revertidos em seu benefício. Se o emissor deixar o campo 31 em branco, a alíquota não é repassada à nossa entidade.

Os tipos de ARTs específicas para o engenheiro agrônomo são as de Obras, Serviços, Receituário Agrônomo, Desempenho de Cargo/Função e Crédito Rural.



CREA-SP
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia
do Estado de São Paulo

Para anunciar no JEA ou recebê-lo, entre em contato:
Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar
CEP: 01041-000 | São Paulo - SP
Tel.: (11) 3221-6322 | Fax: (11) 3221-6930
redacaojea@aeasp.org.br | secretaria@aeasp.org.br

Envie suas sugestões de conteúdo e críticas para o
JEA. Encaminhe suas mensagens para:
redacaojea@aeasp.org.br

Jornal do Engenheiro
Agrônomo